

A CERÂMICA DO ESTILO GUATÓ DO MORRO DO CARACARÁ, REGIÃO DO PANTANAL: APRESENTAÇÃO, METODOLOGIAS E AMBICÕES

JEFFERSON FOSTER DA SILVA¹; JORGE EREMITES DE OLIVEIRA²

¹Universidade Federal de Pelotas – jeffersonrspelotas@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – eremites@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

Esta produção foi realizada no âmbito do projeto de iniciação científica intitulado “A Cerâmica do Estilo Guató do Morro do Caracará, Região do Pantanal”, porém, não possui a pretensão de atingir os objetivos finais, presentes no plano de trabalho do referido, nem mesmo compromete-se a apresentar a totalidade das possíveis e futuras problematizações a respeito do tema. Este posicionamento justifica-se pelo atual andamento da pesquisa, vigente e em seu primeiro trimestre de desenvolvimento. De acordo com o plano de trabalho, a publicação dos resultados será realizada no segundo mês do segundo semestre de 2018, período de encerramento das atividades do projeto.

O presente trabalho, portanto, tem o intuito de apresentar a proposta central do projeto, as metodologias que foram e que irão ser utilizadas, algumas das atividades realizadas e planejadas e a primeira hipótese formulada a respeito do problema de pesquisa. Esta publicação possibilitará a realização de uma futura análise sobre a forma com que, inicialmente, era planejada a trajetória do projeto, como eram vistos os problemas de pesquisa, quais informações esperava-se obter, visando mapear o amadurecimento das ideias e metodologias, juntamente com a discrepância entre as primeiras perspectivas e as conclusões.

Precisa-se, de antemão, fazer um breve resumo a respeito das informações relevantes que contribuem para uma melhor compreensão desta produção, direcionadas, principalmente, ao Pantanal e grupos canoeiros que lá habitaram e habitam.

De maneira geral e abrangente, estes grupos possuíam uma economia pescadora-caçadora-coletora, não construíam habitações fixas e robustas e viviam sobre montículos, em pequenos grupos familiares que eram distribuídos em grandes territórios das planícies alagadas (EREMITES DE OLIVEIRA, 1995, 1996, 2002). A organização social, juntamente com a arquitetura das habitações, construção e utilização dos aterros, mobilidade e uso cotidiano da canoa (EREMITES DE OLIVEIRA, 2002), são fatores decisivos para diferenciação entre as culturas canoeiras e grupos agricultores, forrageadores e caçadores-coletores viveram no Brasil. Estas diferenças foram logo percebidas e documentadas pelos invasores europeus, sobretudo no século XIX (EREMITES DE OLIVEIRA, 1995) portanto, como indica, essas observações constam em relatos que são estudados de forma indisciplinar. No contexto apresentado, encontra-se o povo Guató, a última etnia essencialmente canoeira do Pantanal, vivendo na mesma região, de modo semelhante e no mesmo tipo de ambiente desde tempos imemoriáveis (EREMITES DE OLIVEIRA, 1995).

O Pantanal, porção de terra situada no centro da América do Sul, no caso deste resumo, como apresentado de maneira mais específica em todas as publicações de EREMITES DE OLIVEIRA citadas, foi dividido, de acordo com a situação do solo em relação ao nível das águas durante as cheias, em terras altas e baixas. Neste sentido, as terras altas permanecem secas todo o ano enquanto as

baixas representam a planície de inundação. Sobre a ocupação destas duas áreas, pode-se afirmar que as primeiras, muito antes da chegada dos europeus, foram ocupadas por povos agricultores, e as segundas foram território de grupos canoieiros desde meados de 8.390±80 anos AP, datação indicada pelo aterro mais antigo da região (EREMITES DE OLIVEIRA, 2002).

O aterro é uma estrutura monticular de construção total ou parcial antrópica (SCHMITZ et al., 2001), comumente é encontrado sobre áreas que possuíam certa elevação natural (EREMITES DE OLIVEIRA, 1995), servindo, então, de abrigo para seus construtores, os canoieiros, além de animais e plantas desde períodos muito anteriores a Era Cristã (EREMITES DE OLIVEIRA, 1995, 2000, 2002; EREMITES DE OLIVEIRA; VIANA, 2000). Os tudo indica que os agricultores permaneceram nas terras altas porque o solo da planície inundada não é apropriado para o cultivo (EREMITES DE OLIVEIRA, 2004), porque a inundação exige uma série de adaptações e, além disso, as terras baixas, muito provavelmente, podem ter sido continuamente protegidas de infiltrações externas pelos povos canoieiros durante toda a ocupação indígena do período pré-colonial.

As características do relevo e clima pantaneiro, somadas a uma das maiores biodiversidades do planeta, refletiram-se, incontestavelmente, na prática cultural da construção de aterros e no modo de vida dos grupos canoieiros. Provavelmente, do mesmo modo que os Guató faziam (EREMITES DE OLIVEIRA, 1996), as ocupações e construções dos primeiros aterros foram direcionadas por aspectos como a organização social, a necessidade de terreno seco durante a cheia e a disponibilidade de recursos, contudo, sabe-se que realizar qualquer tipo de afirmação sobre a motivação que desencadeou uma ação ocorrida em um tempo cronológico tão recuado tem seus grandes problemas (EREMITES DE OLIVEIRA, 2004) e, comumente, acaba por transcrever uma série de preconceitos prejudiciais a análise e compreensão do diverso.

Sabe-se que o surgimento da cerâmica, que foi classificada como tradição Pantanal (EREMITES DE OLIVEIRA, 2002; BEZPALEZ, 2005), ocorreu por volta de 2800 anos AP (BEZPALEZ, 2005) e foi concomitante a mudanças climáticas, surgimento da agricultura, aumento demográfico e intensificação da construção de aterros (EREMITES DE OLIVEIRA, 2002; BEZPALEZ, 2005). A macrotecnologia denominada tradição Pantanal, por conseguinte, foi dividida em várias fases (BESPALEZ, 2015) especificando sua ocorrência e características dentro do território pantaneiro, o que, de fato, contribuiu e muito para o entendimento da dispersão dos artefatos.

O projeto, em suma, busca analisar a cerâmica do sítio MT-PO-03 e, através da análise, criar um banco de dados sobre o estilo cerâmico Guató, e realizar comparações com a cerâmica da Tradição Pantanal.

A respeito do sítio pesquisado, situa-se no município de Poconé, no estado do Mato Grosso, e é um conhecido local habitação canoeira, inclusive, atualmente, em seus arredores, moram famílias de índios Guató (EREMITES DE OLIVEIRA; VIANA, 2000; FRANCHETTO; GODOY, 2017). O sítio MT-PO-03 situa-se na encosta do Morro do Caracará, um acidente geográfico situado ao sul do Parque Nacional Matogrossense. Neste local foram descobertas gravuras, pinturas rupestres, nas cores vermelha e branca, achados que provavelmente estão associadas a ocupação de grupos canoieiros que lá viveram e vivem (EREMITES DE OLIVEIRA; VIANA, 2000).

2. METODOLOGIA

O principal objetivo prático e metodológico é buscar, através da interdisciplinaridade e reflexão, a obtenção de uma visão mais completa a respeito do tema trabalhado.

Entre o primeiro segundo de 2017 e o primeiro 2018, de forma concomitante, ocorrerão leituras sobre a cerâmica indígena e história dos canoeiros que ocuparam as terras pantaneiras. Ainda, durante o mesmo período, será desenvolvida a análise laborial da cerâmica dentro dos moldes definidos, com a finalidade de reconhecer uma série aspectos tecnológicos: a identificação das partes das vasilhas, espessura média da parede, diâmetro maior dos fragmentos, tipo de pasta, tipo de antiplástico ou tempero, queima e cor do núcleo, tratamento de superfície externa e decoração plástica, tratamento de superfície interna, forma dos lábios, das bordas e de bases, categorias, forma, diâmetro da boca, altura e capacidade volumétrica das vasilhas. A comparação entre o estilo Guató presente na documentação etnográfica e etnológica, o oriundo do MT-PO-03 e as determinadas fases da Tradição Pantanal, será realizada na sequência do término da análise e obtenção dos resultados da pesquisa.

O planejamento visa concluir todas estas atividades mencionadas até o fim do primeiro semestre de 2018, utilizando os dois meses restantes para elaboração do relatório final da pesquisa, sob forma de artigo.

Já foram estudadas, diversas produções a respeito das características cerâmicas e grupos canoeiros do Pantanal, tarefa que tem sido desempenhada juntamente com a catalogarização do material de superfície e primeiros níveis do sítio Morro do Caracará.

Quanto a postura crítica e visão pessoal acerca de novas descobertas, contradições ou problemas, adoto o método científico experimental, descrito por RAMPAZZO (2002). Qualquer alteração observada, tanto na metodologia quanto nas hipóteses ou resultado parcial, será devidamente levantada e comentada na produção científica final, compondo assim uma síntese de todos os dados e experiência obtidos na pesquisa.

2. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As escavações da cerâmica em análise ocorreram na década 90, quando a mesma foi rotulada como pertencente a macrotecnologia denominada tradição Pantanal, caracterização realizada de maneira hipotética (EREMITES DE OLIVEIRA; VIANA, 2000). Esta tecnologia, como indicado anteriormente através dos dados sobre as habitações (EREMITES DE OLIVEIRA; VIANA (2000), relaciona-se diretamente com a ocupação Guató. Inclusive, sabe-se que é comum encontrar cerâmicas, ditas como semelhantes a tradição Pantanal, a nível de superfície em aterros Guató (EREMITES DE OLIVEIRA, 1996).

Nos anos 90 não haviam informações suficientes para a realização de comparações em laboratório entre o estilo Guató e fases específicas da Tradição Pantanal (EREMITES DE OLIVEIRA, 1996), contudo, atualmente, devido pesquisas realizadas nos últimos anos, tornou-se um feito perfeitamente possível. Muitos dos indícios e produções estudadas vão de encontro a posicionamentos como o de PEIXOTO; BEZERRA (2004), onde é afirmado que não haveria nenhum tipo de ligação entre os povos conhecidos etnologicamente no Pantanal e a construção de aterros, contudo, é preferível crer que os autores referiam-se especificamente aos aterros mais antigos, aos quais, certamente, devido a distância temporal, não pode-se atribuir a alguma etnologia histórica, mesmo que ambas as construções, aparentemente, serviram de abrigo seco, foram construídos por povos canoeiros, apresentaram ocupações sazonais, muitas vezes

multicomponenciais, mantiveram, de forma geral, a mesma aparência e localização (OLIVEIRA, 1996; OLIVEIRA, 2002; Oliveira; Viana, 2000).

4. CONCLUSÕES

Para obter uma conclusão segura e gerar os dados necessários para o encerramento da pesquisa, precisa-se concluir todas as tarefas propostas no plano de trabalho do projeto, e isto, em momento algum, foi questionado ou burlado. Esta produção possui grande importância para o entendimento do desenvolvimento da pesquisa e representa uma valorização, admiração e agradecimento ao trabalho proposto, desenvolvido e em processo de desenvolvimento.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BESPALEZ, E. **Arqueologia e história indígena no Pantanal**. Estud. av., São Paulo, v.29, n.83, p.5-86, abr.2015. Acessado em 10 de set. 2017. Online. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142015000100045&lng=en&nrm=iso.

EREMITES DE OLIVEIRA, J. **Os argonautas Guató: aportes para o conhecimento dos assentamentos e da subsistência dos grupos que se estabeleceram nas áreas inundáveis do Pantanal Matogrossense**. 1995. Dissertação (Mestrado em História - Área de Concentração em Arqueologia) - Curso de Pós-graduação em História, Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

EREMITES DE OLIVEIRA, J. **Da Pré-História à História Indígena: (pe) pensando a arqueologia e os povos canoeiros do Pantanal**. 2002. Tese (Doutorado em História – Área de Concentração em Arqueologia) – Curso de Pós-Graduação em História, Universidade Católica do Rio Grande do Sul

EREMITES DE OLIVEIRA, J. **Guató: argonautas do Pantanal**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.

EREMITES DE OLIVEIRA, J. Os primeiros pescadores-caçadores-coletores do Pantanal. **Revista de Geografia**, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, v. 19, n. 1, p.23-34, 2004.

EREMITES DE OLIVEIRA, J; VIANA, S. A. **Pré-história da região Centro Oeste do Brasil**. Ciudad Virtual de Antropología y Arqueología. Recursos de Investigación. Acesso em: 10 de out. 2017. Online, Disponível em: http://etnolingüística.wdfiles.com/local--files/artigo%3Aoliveira-2000/Oliveira_Viana_2000_Pre-Historia.pdf.

FRANCHETTO, B; GODOY, G. **Primeiros passos da revitalização da língua Guató: uma etnografia**. Revista Linguística, v. 13, n. 1, p. 281-302, mai. 2017. Acessado em 10 de out. 2017. Disponível em <https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/article/view/10432>

PEIXOTO, J. L. S.; BEZERRA, M. A. O. Os povos ceramistas que ocuparam a planície aluvial antes da conquista europeia. In: **SIMPÓSIO SOBRE RECURSOS NATURAIS E SOCIOECONÔMICOS DO PANTANAL**, 4. 2004, Corumbá. **Anais...** Corumbá: Embrapa, 2004.